O descobrimento da América na historiografia árabe medieval: a polêmica sobre o possível pioneirismo muçulmano

The Discovery of the American Continent in the Medieval Arab Historiography: a Controversy over Possible Muslim Pioneering

FERNANDA MENDES

Universidade do Porto – SMELPS/IF/FCT

fernandamendes73@gmail.com

Palavras-chave

Colombo;
América;
muçulmanos;
islâmica;
cartografia;
historiografia;
árabe.

Keywords

Columbus;
America;
Muslims; Islamic;
Cartography;
Historiography;
Arabic.

O presente artigo é uma introdução à polêmica envolvendo a possibilidade da chegada de expedicionários muçulmanos à América anterior à de Cristóvão Colombo, em 1492. Esta controvérsia ganhou força nos anos 90 do século passado, quando das comemorações do quinto centenário da expedição colombiana, e foi reacendida em novembro de 2014, depois das declarações sobre o pioneirismo islâmico nos descobrimentos, dadas à imprensa mundial pelo presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan, durante uma cimeira de líderes muçulmanos na América, ocorrida naquele país. Mais além de interesses de natureza política, religiosa ou cultural, tais declarações lançaram luzes sobre estudos e documentos desconhecidos sobre esta matéria no meio acadêmico ocidental, nomeadamente de algumas fontes documentais árabe-islâmicas, do século X ao XIV que – segundo especialistas desta cultura – testemunhariam o pioneirismo árabe-islâmico na chegada à América, e sobre o pujante desenvolvimento da matemática, geografia e a cartografia muçulmanas do período, temas aos quais este artigo dedicará uma abordagem introdutória.

The present article is an introduction to the controversy surrounding the possibility of the arrival of Muslim expeditionaries to America prior to that of Christopher Columbus in 1492. This controversy gained momentum in the 1990s, when the 5th centenary of Colombian expedition was celebrated, and as it has been reinforced since November 2014, after statements about Islamic pioneering in the discoveries to the world press made by Turkish President Recep Tayyip Erdoğan, during a summit of Muslim leaders in America, held in that country. Beyond political, religious or cultural interests, such statements bring lights on studies and documents unknown on the subject in the Western academic world, notably some Arabic-Islamic documentary sources from the 10th to 14th centuries which – according to experts from this culture – would testify to the Arab-Islamic pioneering in the arrival in America, and the thriving development of Muslim mathematics, geography and cartography of the period, topics to which an introductory approach will be devoted in this article.

Introdução

É inquestionável a importância do legado árabe-islâmico para o progresso cultural e científico da Europa, nomeadamente irradiado para todo o continente a partir da presença muçulmana na Península Ibérica durante oito séculos. Contudo, ainda sabendo do elevado nível de conhecimento desta emergente civilização na Idade Média, o Ocidente tem reagido negativamente ao desenvolvimento de investigações que afirmam a possibilidade dos muçulmanos terem chegado à América em tempos pré-colombianos.

Estas iniciativas ganharam fôlego nos anos 90 – momento em que se comemoravam os 500 anos do descobrimento deste continente por Cristóvão Colombo (1492-1992) – e coincidem com a onda pós-colonialista que se desenvolveu em nível mundial a partir do final do século, deflagrando uma série de reivindicações afirmativas por parte dos povos mais ao sul do planeta, entre as quais uma revisão das narrativas históricas que substitua o eurocentrismo por uma abordagem mais inclusiva e diversa.

Um episódio recente evidenciou a existência desta polêmica e o jogo de poder subjacente à dialética pós-colonial. Envolve as declarações públicas do presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan, em novembro de 2014, durante uma cúpula de líderes muçulmanos da América Latina, realizada em Istambul, afirmando os muçulmanos teriam chegado ao continente no século XII – mais precisamente em 1178. E que, prova disso, teria sido uma menção feita por Colombo em sua bitácora sobre a existência de uma mesquita em cima de uma montanha em Cuba. Segundo ele, esta hipótese – que não era novidade – estava amparada por investigações de diferentes especialistas, em particular de Fuat Sezgin (1924-2018), então diretor do Instituto de Ciência Islâmica e professor emérito da Johann Wolfgang Goethe University of Frankfurt, Alemanha. “An objective writing of history will show the contribution of the East, the Middle East and Islam to the science and arts”, declarou Erdoğan¹.

Inicialmente, as declarações foram duramente criticadas e até mesmo ironizadas pela imprensa e pelo meio acadêmico ocidental². Ficou evidente a falta de disposição – em apurar rigorosamente os fatos, embora também as fontes mencionadas pelo presidente tenham se mostrado parcialmente imprecisas, como veremos mais adiante.

O objetivo deste artigo é apresentar o ambiente científico desta polêmica, mostrando argumentos e fontes documentais árabe-islâmicas que fundamentam a hipótese do pioneirismo muçulmano na descoberta da América. A abordagem é introdutória, uma vez que as fontes são escassas – alguns estudos escritos em inglês, artigos e reportagens em jornal – e qualquer aprofundamento na revisão da bibliografia – que é bastante específica – demandaria deslocamentos e conhecimentos linguísticos – principalmente de árabe e turco – que estavam além das minhas possibilidades. Sem dúvida, o esforço aqui condensado contribui para a construção de um conhecimento mais amplo e pluralista sobre a expansão marítima, ao apontar a existência de fontes pouco conhecidas e exploradas pelo meio acadêmico ocidental, fomentando o diálogo intercultural.

Independente de interesses políticos e pós-coloniais, é fato que o perspectivismo tem contribuído para o avanço científico em diferentes áreas, quer criando novas epistemologias, quer levando a descoberta de novos documentos que acabam por mudar o rumo dos fatos. Como exemplo, ainda dentro do campo do Islamismo, cito o caso da já comprovada presença escatológica muçulmana na Divina Comédia de Dante Alighieri. A presença de fontes

¹ Declaração dada ao jornal turco *Hurriyet Daily News*. Ver nas referências bibliográficas.

² Ver lista completa nas referências bibliográficas.

muçulmanas nesta obra, que é ícone do cristianismo medieval, aventada pelo filólogo Miguel Asín Palacios em 1919, era considerada inimaginável até meados do século passado, e trinta anos depois levou, ainda, ao descobrimento dos emblemáticos manuscritos do Livro da Escada de Maomé – traduzido do árabe para o castelhano, latim e francês antigo por ordem de Afonso X, o Sábio, em meados do século XIII. Esta obra é a única tripla tradução da qual se tem notícia, realizada nos tempos deste monarca, que promoveu a mais ampla atividade tradutora da qual se tem notícia na Idade Média.

Embora sem relação direta com a questão do pós-colonialismo, Asín Palacios (1919) reivindicava para a Espanha – através deste legado mourisco – parte dos “louros” do poema canônico dantesco. Sobre o relançamento de sua obra na Itália, Umberto Eco escreveria, num brilhante artigo um ano antes de sua morte, no qual conclui que sua leitura “é ainda mais relevante hoje – uma época em que, perturbadas pela insensatez bárbara dos fundamentalistas islâmicos, as pessoas tendem a esquecer as relações que sempre existiram entre as culturas ocidental e islâmica” (Eco, 2015).

Testemunhos históricos medievais de expedições marítimas às Américas

A possibilidade da descoberta pré-colombiana da América, por parte de diferentes povos – entre os quais portugueses, chineses e até mesmo vikings – tem sido alvo de investigações nomeadamente a partir da segunda metade do século XX. A hipótese da descoberta por parte de expedicionários árabe-islâmicos causou particular polêmica nos anos 90, quando foram comemorados os 500 anos da chegada de Colombo às Américas.

Em 1996, o físico e historiador Youssef Mroueh escreveu um artigo no qual conclamava os muçulmanos a comemorar os mil anos de presença islâmica no continente (1996-1996). Trata-se de um texto sintético que traz uma série de dados e fontes, de documentos e obras históricas medievais, além de estudos linguísticos, antropológicos e arqueológicos – alguns deles assinados por investigadores de renomadas instituições americanas e europeias – que, entre outras informações apontariam para a existência de palavras arabizadas em dialetos indígenas da América do Norte, bem como traços culturais e raciais árabes em algumas tribos, e também a descoberta de petróglifos islâmicos³.

O artigo foi criticado à época e também recentemente, quando foi “ressuscitado”, a propósito das declarações de Erdoğan. É verdade que não fica claro como o autor chegou à data de 996 como marco fundacional da presença islâmica em solo americano. Mas, por outro lado, o que Mroueh (1996) faz é simplesmente uma compilação resumida das principais informações e interpretações sustentadas por diferentes investigadores. Em todo caso, ele teve como mérito colocar o tema sobre a mesa e projetar as fontes documentais e estudos sobre a matéria em nível mundial. Para efeitos do presente escrito, serão aqui reproduzidas apenas as fontes documentais.*

[...] 1. A Muslim historian and geographer ABUL-HASSAN ALI IBN AL-HUSSAIN AL-MASUDI (871-957) wrote in his book *Muruj adh-dhahab wa maadin aljawhar* (The meadows of gold and quarries of jewels) that during the rule of the Muslim caliph of Spain Abdullah Ibn Mohammad (888-912), a Muslim navigator, Khashkhash Ibn Saeed Ibn Aswad, from Cordoba, Spain sailed from Delba (Palos) in 889, crossed the Atlantic, reached an unknown territory (ard majhoola) and returned with fabulous treasures. In Al-Masudi's map

³ Ver itens “Notes” e “Arabic (islamic) Inscriptions” em Mroueh (1996).

of the world there is a large area in the ocean of darkness and fog, which he referred to as the unknown territory (Americas).⁴

2. A Muslim historian ABU BAKR IBN UMAR AL-GUTTIYYA narrated that during the reign of the Muslim caliph of Spain, Hisham II (976-1009), another Muslim navigator, Ibn Farrukh, from Granada, sailed from Kadesh (February 999) into the Atlantic, landed in Gando (Great Canary islands) visiting King Guanariga, and continued westward where he saw and named two islands, Capraria and Pluitana. He arrived back in Spain in May 999.⁵ [...]

3.⁶ The famous Muslim geographer and cartographer AL-SHARIF AL-IDRĪSĪ (1099-1166) wrote in his famous book *Nuzhat al-mushtaq fi ikhtiraq al-afaq* (Excursion of the longing one in crossing horizons) that a group of seafarers (from North Africa) sailed into the sea of darkness and fog (The Atlantic ocean) from Lisbon (Portugal), in order to discover what was in it and what extent were its limits. They finally reached an island that had people and cultivation...on the fourth day, a translator spoke to them in the Arabic language.⁷

4. The Muslim reference books mentioned a well-documented description of a journey across the sea of fog and darkness by Shaikh ZAYN EDDINE ALI BEN FADHEL AL-MAZANDARANI. His journey started from Tarfaya (South Morocco) during the reign of the King Abu-Yacoub Sidi Youssef (1286-1307) 6th of the Marinid dynasty, to Green Island in the Caribbean sea in 1291. The details of his ocean journey are mentioned in Islamic references, and many Muslim scholars are aware of this recorded historical event.⁸

5. The Muslim historian CHIHAB AD-DINE ABU-L-ABBAS AHMAD BEN FADHL AL-UMARI (1300-1384) described in detail the geographical explorations beyond the sea of fog and darkness of Mali's sultans in his famous book *Massaalik al-absaar fi mamaalik al-amsaar* (The pathways of sights in the provinces of kingdoms).⁹ [...]

* As referências bibliográficas citadas no trecho que reproduzo a seguir pertencem ao artigo citado.

⁴ Al-Masudi, *Muruj Adh-Dhahab* (Arabic), Vol. I, p. 138.

⁵ Osuna y Saviñón, Manuel (1844). *Resumen de la geografía física y política de la historia natural y civil de las Islas Canarias*, Santa Cruz de Tenerife: Ed. V. Bonnet.

⁶ A numeração dos itens é minha, a partir deste item.

⁷ Al-Idrīsī, *Nuzhat al muštāq fi htirāq al-afāq* (Arabic). Outra referência bibliográfica que encontrei, ao escrever este artigo é uma edição feita pelo renomado arabista italiano E. Cerulli e outros: Al-Idrīsī (1970-1975). *Kitab nuzhat al-mustaq fi ihtiraq al-afaq*, E. Cerulli, F. Gabrielli et al, Nápoles, pp. 548-549, in Elía, R. Shamsuddín (1999). *Reconstrucción Historiográfica de las Señas Mudéjares del Gaucho*, Ponencia de las Terceras Jomadas de Cultura Árabe «Al-Ándalus allende los Andes», patrocinadas por el Centro de Estudios Árabes de la Universidad de Chile, las Embajadas de Egipto, Jordania, Líbano, Palestina y Siria, y el Centro Cultural de la Embajada de España, Santiago de Chile, del 23-26 de agosto de 1999, disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/e86f/e8431977b9c39db26ed1e04cc8308b7a0052.pdf>.

[Consultado a 19 de setembro de 2019]. Segundo este autor, em 1327, outro importante geógrafo árabe-islâmico, Al-Himyarī atesta a história e a localiza no ano de 1013, em: Al-Himyarī, Iḥsān ‘Abbās (1975). *Kitāb al-Rawd al-mi’tār*. Beirut: Maktabat Lubnān, p. 61. Shamsuddín menciona, ainda: Ki-Zerbo, J. (1980). *Historia del África negra - 1. De los orígenes al siglo XIX*. Madrid: Alianza, p. 192.

⁸ Agha Hakim, Al-Mirza, *Riyaadh Al-Ulama* (Arabic), Vol. 2, p. 386; Vol. 4, p. 175; Al-Ameen, Sayed Mohsin, *Aayan Ash-Shia* (Arabic), Vol. 7, p. 158; Vol. 8, pp. 302-3; Al-Asfahani, Ar-Raghib, *Adharea Ila Makarim Ash-Shia*, Vol. 16, p. 343.

⁹ Cauvet, Giles (1912), *Les Berbères de L'Amérique*, Paris, pp. 100-101.

Críticas às fontes do século X e o contexto histórico-científico do Islão medieval

O uso das fontes historiográficas do século X (1 e 2), para a argumentação de uma possível chegada às Américas, foi duramente criticado por Luis Molina, do Conselho Superior de Investigações Científicas – Ministério da Ciência, Inovação e Universidades, ouvido pela ABC International¹⁰. Segundo o publicado em edição online, o especialista

asegura no encontrar ninguna precisión cronológica, ninguna referencia a Palos como punto de partida, ninguna mención de una 'tierra desconocida'. “Lo que tenemos no es más que la historia de un grupo de jóvenes cordobeses que se hicieron a la mar en época desconocida y desde un puerto impreciso y que regresaron al cabo de un tiempo indeterminado con grandes riquezas. Las imprecisiones del relato hacen sospechar de que se trata de una leyenda, pero, aunque no lo fuera, hace falta mucha y desbocada imaginación para hallar en esta historia la menor relación con una travesía del Atlántico hasta las costas de América”, explica. Añade que la aparición de Palos como puerto de salida y la mención de una “tierra desconocida” parecen ser inventos de Mroueh.

Asimismo, Mroueh hace referencia a la obra de Osuna y Saviñon, “Resumen de la geografía física y política y de la historia natural (1844)”. Según esta obra, otro navegante musulmán, Ibn Farrukh, de Granada, partió de Kadesh (fue una ciudad en territorio sirio) al Atlántico, llegando a Gando (Isla de Gran Canaria). Luego continuó hacia el oeste hasta encontrarse con dos islas, Capraria y Pluitana. Esta historia se le atribuye a Ibn al Qutiyya, cronista conocido y que habría fallecido veintidós años antes de la inexistente expedición.

Molina desautoriza la obra que ha inspirado a Erdogan por no encontrar pistas en estos textos antiguos de que en realidad se estuviera hablando de América.

É preciso ressaltar que críticas do especialista do CSIC se referem a duas fontes do século X, quando a declaração dada pelo presidente turco coloca o século XII como marco de suas alegações. Também chama a atenção que o texto se debruce sobre Mroueh, quando a única fonte claramente nomeada por Erdoğan tenha sido Fuat Sezgin, e nada se tenha dito sobre este investigador na reportagem. A inferência de Mroueh como fonte do mandatário só têm sentido se se restringem às declarações sobre mesquita de Cuba¹¹. Ou seja, claramente a análise publicada pela ABC é débil.

Uma cobertura mais consistente sobre os fatos em questão foi a realizada pelo The Washington Post, que inferiu que Erdoğan tivesse se baseado na “frágil investigação” de Mroueh para suas alegações, mas destacou o trabalho de Fuat Sezgin um “venerable turkish scholar”¹². Embora a menção seja superficial, a edição online da reportagem contém um *hyperlink* para um interessante artigo publicado em 2006¹³. Nele encontra-se a menção feita pelo presidente turco ao ano de 1178, mas Sezgin afirma ter dúvidas à respeito desta informação:

¹⁰ A ABC International publicou três reportagens sobre o tema. As críticas mencionadas aqui estão no terceiro (ver referência bibliográfica ABC – 3).

¹¹ Mroueh cita como fonte: Obregon, M. (1991). *The Columbus Papers, The Barcelona Letter of 1493, The Landfall Controversy, and the Indian Guides*, New York: McMillan Co. Em seu artigo, afirma: “Columbus admitted in his papers that on Monday, October 21, 1492 CE while his ship was sailing near Gibara on the north-east coast of Cuba, he saw a mosque on top of a beautiful mountain. The ruins of mosques and minarets with inscriptions of Quranic verses have been discovered in Cuba, Mexico, Texas and Nevada”.

¹² Ver nas referências bibliográficas: *The Washington Post* – 2.

¹³ Esta pesquisa é a tradução para o inglês de um excerto do volume 13 da coleção de estudos

It seems that expeditions like that even reverberate in Chinese sources: the two Song Dynasty geographers Zhōu Qū-Fēi (1178) and Zhào Rǔ-Gù (1225) both quote reports from Muslim merchants according to which Arab ships coming from West Africa reached a fertile country in the west after approximately one hundred days of travel across the Atlantic. Thus reads the Chinese scholar Li Hui-Lin's¹⁴ interpretation of the passage. I am however not entirely convinced, because it does not appear to state unambiguously that the expedition in question was indeed west-bound across the Atlantic. (Sezgin, 2006: 19)¹⁵

Esclarecido este fato, voltemos às fontes documentais árabes. Neste mesmo artigo, este renomado autor faz menção àquela fonte do século X citada por Mroueh (a de número 1, na lista transcrita no item anterior) criticada pelo especialista espanhol do CSIC, por não haver indícios de que o relato narrado tivesse relação com a travessia do Atlântico. “The polyhistor al-Mas’ūdī (died 345/956) relates¹⁶ that he had written in his lost book *Mir’at az-ṣamān* about mariners from Arabic Spain who risked their lives attempting to sail westwards across the Atlantic at various times” (Sezgin, 2006: 17)¹⁷. Ao que parece, pode haver na exegese da narrativa feita pelos autores islâmicos elementos que, por algum motivo, escaparam ao especialista do CSIC ou foram interpretados de maneira distinta.

Apesar de analisar uma série de fontes históricas, Sezgin não estabelece nenhum marco inicial para a suposta chegada dos árabes-islâmicos às Américas. A tese central de seu trabalho – rico em referências e ilustrações de cartografia histórica – mostra que o nível científico da matemática, geografia e cartografia islâmicas do século IX era superior ao nível tecnológico europeu do século XV. Portanto, em termos de *knowhow*, seria bastante plausível que os árabes tenham feito uma ou mais expedições bem-sucedidas às Américas. Segundo ele, já no século VIII, os cientistas islâmicos tinham consciência de que o mundo era redondo, e por isto o primeiro mapa *mundi* foi desenvolvido no início do século IX, sob o califado abássida de al-Mamnun (813-833). Estes cientistas estavam muito atentos aos movimentos das culturas vizinhas, cujo desenvolvimento cartográfico estava a pleno vapor ao longo do século XI (Sezgin, 2006: 12-16).

orientais *Geschichte des Arabischen Schrifttums*, uma das principais fontes de informação desta área.

¹⁴ Referências bibliográficas sobre esta matéria mencionadas pelo autor do artigo citado: Li Hui-Lin (1960-1961). Mu-lan-p’i. A case for pre-Columbian Transatlantic Travel by Arab Ships. *Harvard Journal of Asiatic Studies*, 23, 114-126. The two Chinese books were translated into English by Friedrich Hirth and W. W. Rockhill. Chau Ju-kua (1911). *His Work on the Chinese and Arab Trade in the 12th and 13th Centuries, entitled ‘Chu-fan-chi’*. Translated from the Chinese and annotated by Friedrich Hirth & W. W. Rockhill. St. Petersburg: Printing Office of the Imperial Academy of Sciences, (reprint in: *The Islamic World in Foreign Travel Accounts*, Vol. 73), v. a. Hirth, F. (1896). Chao Ju-kua, a New Source of Mediaeval Geography. *Journal of the Royal Asiatic Society, Jan.*, 57-82 (reprint: *The Islamic World in Foreign Travel Accounts*, Vol. 74, pp. 299-324).

¹⁵ A reportagem do jornal *El País* (ver referências bibliográficas) mencionou a existência desta fonte chinesa.

¹⁶ Nota bibliográfica dada pelo autor para esta citação: *Murūḡ ad-dahab wa-ma’ādin al-ḡawāhir*, Vol. I, Paris 1861, pp. 257-259; Abū ‘Abdallāh al-Himyarī (1975). *K. ar-Raud al-mi’tār fī habar al-aqtār*, Beirut: Ed. Ihsān ‘Abbās, p. 509; Olbrich, H. J. (1989). Die Entdeckung der Kanaren vom 9. bis zum 14. Jh.: Araber, Genuesen, Portugiesen, Spanier. *Almogaren* (Graz), 20, 60-138, esp. 64.

¹⁷ Outro autor a utilizar esta fonte como possível prova da travessia do Atlântico pelos árabe-islâmicos é Lunde (1992), cujo trabalho sobre esta temática será mencionado mais adiante.

Dada esta inferioridade no desenvolvimento da cartografia europeia em relação à islâmica, o autor especulou que

the maps used by European “discoverers” must have been of Arabic-Islamic provenance, was reinforced by the above mentioned fact that many of the new islands and coastlines are drawn in those maps with a degree of longitudinal precision that was not approached in Europe prior to the 18th century. (Sezgin, 2006: 32)

Esta hipótese esteve no centro da menção do The Washington Post sobre a investigação deste autor, acompanhada do seguinte comentário:

This is clearly conjecture, and Sezgin’s theories aren’t widely shared by historians of cartography or backed by archaeological evidence. That doesn’t mean he’s totally wrong. It’s already established that Vikings reached the Americas centuries before Columbus’s Spanish-sponsored expedition. And there are many reasons to believe that other pre-Columbian mariners also may have arrived at the continent’s Atlantic and Pacific coasts – some of them, indeed, could very well have been Muslim¹⁸.

Séculos XII e XIV: fontes mais detalhistas

É justamente a precisão metodológica e o conhecimento das ilhas do Atlântico que confere credibilidade histórica ao relato contido no livro de Al-Idrīsī, que viveu entre 1099 a 1166, e é considerado um dos maiores geógrafos e cartógrafos medievais. Sua obra, inclusive, já se baseia no conceito de que a terra era redonda.

A narrativa conta a viagem de 80 exploradores (mugharrirun) muçulmanos, iniciada na Lisboa dos tempos do Emir almorávida Yusuf ibn Tashafin, e visitam 14 ilhas do Atlântico, sendo a maior parte delas identificada com os arquipélagos de Açores, Madeira e Canárias, e algumas podendo ser em Canárias ou mesmo no Caribe. Esta obra de Al-Idrīsī¹⁹ foi concluída em 1154, mas a data da expedição relatada deve ser anterior a 1147, data em que Lisboa caiu no domínio cristão (Lunde, 1992).

It was from the city of Lisbon that the mugharrirun set out to sail the Sea of Darkness in order to discover what was in it and where it ended, as we have mentioned before. A street in Lisbon, near the hot springs, is still known as “The Street of the Intrepid Explorers”; it is named after them. Eighty men, all ordinary people, got together and built a large ship and stocked it with enough food and water for several months. Then they set sail with the first gentle easterly and sailed for about eleven day’s, until they came to a sea with heavy waves, evil-smelling, ridden with reefs and with very little light.

¹⁸ Ver referência na nota 14.

¹⁹ Al-Idrīsī, *Nuzhat al muštāq fi htirāq al aflāq*, Vol. I, pp. 220-548; Klaproth, Julius (1802). Ueber die Schiffahrten der Araber in das Atlantische Meer. *Asiatisches Magazin* (Weimar), 1, 138-148 (reprint in: *Islamic Geography*, Frankfurt, 1994, Vol. 237, pp. 47-51); Hennig, R. (1939). *Terrae incognitae*, Vol. II, pp. 424-432; Sezgin, F. (2003). *Wissenschaft und Technik im Islam*, Vol. I, Frankfurt: Einführung, p. 173.

Assim inicia a narrativa de Al-Idrīsī, segundo tradução livre feita por Lunde, num estudo detalhado que publicou sobre esta fonte documental. Nesta introdução, fica clara a referência ao Atlântico, que era conhecido como “Mar da escuridão”.

For the Latin Middle Ages, the Atlantic was *Mare Tenebrosum*; for the Arabs, *Bahr al-Zulamat*. Both meant “The Sea of Darkness”, and anyone who has looked west from the northern coast of Portugal and seen the heavy cloud banks lying across the horizon will admit the name is well-suited to the Atlantic. It was ill-omened: For Christians, the word *tenebrosum* suggested evil and evoked the Prince of Darkness. For Muslims, the Arabic word for “darkness,” *al-zulamat* could not but call to mind the magnificent Qur’anic passage in Surah 24, al-Nur, “The Light,” in which the state of the unbeliever is described as being like “the depths of darkness in a vast deep ocean, overwhelmed with billows, topped by billows, topped by [dark] clouds - depths of darkness, one above the other.” (Lunde, 1992)²⁰

Uma vez identificado, o investigador volta seu foco sobre as ilhas mencionadas ao longo da narrativa, que são quatorze. Todas elas são descritas com detalhes de geografia física, fauna e flora, como era do estilo deste proeminente cartógrafo medieval.

Al-Idrīsī gives the names of 13 islands in the western Atlantic; a 14th, visited by the mugharrirun, is nameless. This unnamed island, together with Masfahan, Laghus, The Two Brothers and possibly Sawa, are almost certainly islands in the Canary group. Laqa might be Madeira, and Sheep Island and Raqa part of the Azores group. Where al-Su’ali, Hasran, al-Ghawr, Qalhan and al-Mustashkin lay is anybody’s guess. Al-Su’ali and al-Mustashkin both sound completely legendary, but there is nothing legendary about Hasran and Qalhan, which sound as if they might belong together. Since the only inhabited islands in the western Atlantic just before the coming of the Europeans were the Canaries, Hasran may belong to that group – unless, of course, it is to be sought in the Caribbean! (Lunde, 1992)

Segundo a narrativa de Al Idrīsī, a ilha de Hasran “is crowned by a large, high mountain. A small fresh-water river runs down from the foot of the mountain, where the inhabitants live. They are short, brown people with broad faces and big ears. The men’s beards reach their ankles. They eat grass and other plants”. Quanto ao nome dado à ilha, “Hasran means “regretful” - Island of Regret? - but if the variant Khusran is chosen, it means “loss” - perhaps Island of Loss, or Lost Island. But if the word is Arabic, one would expect it to be preceded by the definite article *al*”.

Por algum motivo, nesta análise o autor deixou de fora a ilha de al-Ghawr, que é “long and broad. Many herbs and plants grow on the island. There are many rivers and pools, and thickets where donkeys and long-horned cattle take refuge”. Seu nome significa “a depression

²⁰ O autor menciona que o Atlântico podia ser designado por outros nomes (como no caso da polêmica crônica do século X): “Two of these, “The Green Sea” and “The Circumambient Ocean,” appear in the passage just quoted from the famous 10th-century Arab historian and geographer al-Mas’udi, whose works are full of fascinating geographical information. The Arabs used other names also, such as the scholarly Uqiyanus, directly transliterated from the Greek word okeanos, and even, in later sources from the western Islamic world, Bahr al-Atlasi, “The Sea of the Atlas Mountains” - an exact rendering of the word “Atlantic”. But the most frequent Arabic name for the Atlantic was al-Bahr al-Muhit, the Circumambient, or All-Encompassing, Ocean”.

surrounded by higher land, and occurs elsewhere in the Arab world as a place name” (Lunde, 1992).

Para finalizar, será apresentada a seguir a quinta e última fonte elencada por Mroueh em sua polêmica compilação de possíveis evidências do pioneirismo muçulmano na chegada às Américas²¹. Para Ozkan, é a possibilidade mais realista pensar que os descobrimentos por parte dos islâmicos tenha se dado como consequência dos fatos narrados neste testemunho do século XIV.

One of the first signs of Muslim travel to America is the copy Ibn Fadlallah al Umari encyclopaedia “Masalik al-abshar fi Mamalk al-amshar”, (1349) where a copy is currently held at the Topkapi Palace Library. This encyclopaedia has a written entry that states that Sultan Muhammad Abu Bakr had mobilized a fleet “to travel and reach the other side of the ocean” in 1312. After encountering a wild store, the entire fleet sinks save for one who returns home. The Sultan attempts a second journey except this time with a much bigger fleet. The entire fleet perishes on this second journey and whether they ever reached their goal is something we will never know. (Ozkan, 2014)

Sezgin (2006: 19) menciona brevemente o relato em seu estudo, incluindo uma nota com referências bibliográficas de edições, traduções e estudos, que vai aqui reproduzida²².

Conclusão

Aqui concluo este breve escrito, que apresenta as principais fontes documentais árabe-islâmicas – e seu contexto histórico – que fundamentam a hipótese da possível travessia do Atlântico por parte de expedicionários desta cultura em tempos pré-colombianos. Procurei organizar da forma mais rigorosa possível, do ponto de vista científico, as escassas informações que pude obter sobre esta temática tão atual e estimulante e, por isto, creio que valeu a pena. Apesar de breve e limitado pela dificuldade de acesso à bibliografia – quer por dificuldades de acesso ou linguística – creio que este artigo cumpriu o objetivo de informar corretamente sobre o estado da arte e fornecer referências valiosas sobre a matéria, que extrapola as fronteiras dos descobrimentos, ao nos introduzir na esfera da diversidade cultural rumo à fantástica aventura humana pela superação dos próprios limites que caracteriza nossa história, para além dos preconceitos e mediocridades com as quais infelizmente ainda temos de conviver.

²¹ Em minha breve e restrita pesquisa, não encontrei citações de outros autores ao conjunto de fontes apontadas no item 4 da lista aqui reproduzida (ver referências dadas pelo próprio autor na nota).

²² Ibn Fadlallāh al-ʿUmarī (1988). *Masālik al-absār*, facsimile edition, Vol. IV, Frankfurt, p. 43; French transl. in: M. Gaudefroy-Demombynes (1927). *Masālik el absār*, Vol. I: *L'Afrique, moins l'Égypte...*, Paris, p. 74f (reprint in: *Islamic Geography*, Vol. 142); Cf. al-Qalqašandī (1915). *Subh. al-aʿšā*, Vol. V, Kairo, p. 294f; A. Zéki Pacha (1919-1920). Une seconde tentative des Musulmans pour découvrir l'Amérique. *Bulletin de l'Institut d'Égypte* (Kairo), 2, 57-59 (reprint in: *Islamic Geography*, Band, 239, pp. 44-46); Zechlin, Egmont (1935). Das Problem der vorkolumbischen Entdeckung Amerikas.... *Historische Zeitschrift* (München), 152, 1-47, esp. 46; Hennig, R. (1939). *Terrae incognitae*, Vol. III, pp. 161-165; Davidson, Basil (1970). *The Lost Cities of Africa*, Boston, Toronto, pp. 74-76 (not seen), v. a. Sertima, van Ivan (2003). *They Came Before Columbus*, 1.c., New York: Random House Trade Paperbacks, pp. 67, 70.

BIBLIOGRAFIA:

ASÍN PALACIOS, Miguel (1919). *La escatología musulmana en la Divina Comedia de Dante Alighieri*. Madrid: Imprenta de Stanislao Maestro. Disponível em http://www.rae.es/sites/default/files/Discurso_ingreso_Miguel_Asin.pdf. [Consultado a 15 de junho de 2019].

ECO, Umberto (2015). Dante e o Islã. *Uol Notícias*. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2015/03/03/dante-e-o-islã.htm>. [Consultado a 13 de julho de 2019].

LUNDE, Paul (1992). Pillars Of Hercules, Sea Of Darkness. *Aramco World*, 43, 3, May-June. Disponível em: <https://archive.aramcoworld.com/issue/199203/pillars.of.hercules.sea.of.darkness.htm>. [Consultado a 10 de julho de 2019].

MROUEH, Youssef (1996). Muslims in the Americas before Columbus. *As-Sunnab Foundation of America*. *As-Sunnab Foundation*. Disponível em <http://www.sunnah.org/history/precolmb.htm>. [Consultado a 10 de junho de 2019].

OZKAN, Akdogan (2014). Who discovered America. *World Bulletin*. Disponível em: <https://www.worldbulletin.net/science-technology/who-discovered-america-h148728.html>. [Consultado a 11 de julho de 2019].

SEZGIN, Fuat (2006). The Pre-Columbian Discovery of the American Continent by Muslim Seafarers. Excerpt from *Geschichte des Arabischen Schrifttums*, XIII, 2-39. Disponível em: <http://globalmiddleages.org/sites/default/files/precolumbamerica.pdf>. [Consultado a 25 de junho de 2019].

REPORTAGENS:**ABC International:**

1: <https://www.abc.es/internacional/20141115/abci-erdogan-colon-america-201411151702.html>. [Consultado a 10 de junho de 2019].

2: <https://www.abc.es/internacional/20141119/abci-erdogan-musulmanes-descubrimiento-america-201411181613.html>. [Consultado a 10 de junho de 2019].

3: <https://www.abc.es/internacional/20141123/abci-musulmanes-descubrieron-america-201411211701.html>. [Consultado a 10 de junho de 2019].

BBC:

https://www.bbc.com/mundo/ultimas_noticias/2014/11/141115_ultnot_musulmanes_a_merica_colon_jgc. [Consultado a 10 de junho de 2019].

El País:

1: https://elpais.com/internacional/2014/11/15/actualidad/1416076557_740094.html; Hurriyet Daily News. [Consultado a 10 de junho de 2019].

2: <http://www.hurriyetdailynews.com/erdogan-vows-to-teach-turkish-children-muslim-discovery-of-americas-74485>. [Consultado a 10 de junho de 2019].

Rede Televisión Martí:

<https://www.radiotelevisionmarti.com/a/presidente-turco-quiere-construir-una-mezquita-en-cuba-donde-la-vio-colon/80218.html>. [Consultado a 10 de junho de 2019].

The Washington Post:

1: https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/11/15/muslims-discovered-america-before-columbus-claims-turkeys-erdogan/?utm_term=.c9c54482bf19. [Consultado a 10 de junho de 2019].

AIC

2: https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/11/20/why-turkeys-erdogan-still-insists-muslims-reached-america-before-columbus/?noredirect=on&utm_term=.59b3eed1e9d [Consultado a 11 de junho de 2019].